

AS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

NO COTIDIANO DO IDOSO

Mestranda Márcia Mendes Marquez de Oliveira
UEG – Mestrado Interdisciplinar de Educação, Linguagens e Tecnologias
marciamendes.polouab.uruacu@gmail.com
Dra. Mirza Seabra Toschi
Orientadora – UEG/Anápolis
mirzas@brturbo.com.br

A pesquisa refere-se ao estudo bibliográfico sobre “As Tecnologias da Informação e Comunicação no Cotidiano do Idoso”, que constitui parte da pesquisa do Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologia da Universidade Estadual de Goiás. O problema consiste em verificar como os idosos tem se apropriado e utilizado as TIC em seu cotidiano na solução de problemas. Trata-se de uma pesquisa relevante na sociedade atual, uma vez que a presença do idoso emerge em todos os segmentos sociais, como resultado do crescimento da expectativa de vida, assim sendo necessita de ações voltadas para a real inclusão digital. As Tecnologias da Informação e Comunicação estão presentes em todos os espaços sociais, econômicos, culturais entre outros, com isto, torna-se necessário a inserção destas tecnologias na vida dos sujeitos. Os objetivos norteadores da investigação partem da análise do contexto social do idoso nas relações com as tecnologias da informação e comunicação no processo e evolução tecnológica; compreender o processo de inclusão social e digital no universo do idoso; assim como as suas possibilidades na apropriação, utilização das TIC em seu cotidiano na solução de problemas do idoso. Para alcançar os objetivos foi utilizada como metodologia a pesquisa bibliográfica, tendo como suporte teórico autores como: Toschi (2010); Silva (2010); Medeiros (2013); Frias (2013); Barros (2000); Pellanda (2001); Lima (2000); Castells (2006); Soares (2002); Assmann e MoSung (2003); Pereira (2013); Kachar (2013); Benetti, Fagundes e Zanella (2011); Duran (2008); dentre outros. A relevância desta temática se deve ao aumento da perspectiva de vida da população e melhoria da qualidade de vida da terceira idade, levando este público a maiores possibilidades e perspectivas de inclusão social e digital. O estudo oportunizou maiores informações referente à realidade do idoso e seu contexto social, assim como a necessidade de interação do idoso e empoderamento no seu cotidiano.

Palavras-chave: Idoso. Formação TIC. Empoderamento. Cotidiano.

Introdução

O sujeito idoso, na população brasileira, no contexto atual, tem apresentado aumento na expectativa de vida, motivo pelo qual, vivencia a necessidade de formação continuada para sua integração ativa na sociedade contemporânea.

A necessidade de se comunicar e interagir com as pessoas que o cercam o levam a buscar a formação visando a apropriação para o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), com vistas à inclusão digital.

Para o idoso usufruir dos benefícios e facilidades do mundo contemporâneo torna-se necessário que tenha o mínimo de conhecimentos sobre as Tecnologias da Informação e Comunicação, com vistas à conquista de seu empoderamento e interação social.

O problema consiste em verificar como os idosos tem se apropriado e utilizado as TIC em seu cotidiano na solução de problemas.

Trata-se de um tema relevante na sociedade atual, uma vez que a presença do idoso é emergente em todos os segmentos sociais, necessitando de ações voltadas para a sua real inclusão.

Os objetivos norteadores da investigação partem da análise do contexto social do idoso nas relações com as tecnologias da informação e comunicação no processo e evolução tecnológica; compreender o processo de inclusão social e digital no universo do idoso; assim como as suas possibilidades na apropriação, utilização das TIC em seu cotidiano na solução de problemas do idoso.

A pesquisa foi realizada a partir de um estudo qualitativo tendo como suporte teórico autores de referência sobre a temática com o intuito de reunir maiores informações sobre o assunto em evidência.

Caracterização social sobre o idoso

Mediante o aumento da expectativa de vida do sujeito, emerge na sociedade a presença do idoso, que por tempos históricos sociais possuiu caracterização específica. Sendo assim, busca-se compreender este processo.

A partir dos séculos XIX e XX, a velhice, passa a ser considerada uma nova etapa da vida, devido a uma série de mudanças que contribuem para uma visão ampliada no universo do idoso, dentre as quais tem-se a contribuição da medicina e a institucionalização das aposentadorias.

Silva (2008) indica que o surgimento da velhice está vinculado ao processo de modernização das sociedades, sobretudo a modernização da medicina que utiliza o termo não

somente para definir o envelhecimento físico, como também para exercer uma influência social relevante.

A noção de velhice se estabelece pelo uso indiscriminado de termos pejorativos ou conceitos determinados culturalmente em seus respectivos períodos históricos, conforme esclarecem Benetti, Fagundes e Zanella:

Historicamente, a noção de velho ou velhote estava fortemente vinculada à incapacidade para o trabalho, à decadência, e de certa forma simbolizava o sujeito velho e pobre, enquanto que idoso era um termo mais atribuído aos que viviam socialmente bem. Através da mudança da estrutura social, com a nova política social para a velhice, ocorrida no século XX, houve também um aumento de prestígio dos aposentados. Os indivíduos passaram a ter outra percepção do velho, bem como termos pejorativos relativos a esta faixa etária foram eliminados dos textos oficiais (2011, p. 216).

No decorrer da história da humanidade, percebe-se que a representatividade do velho atrela-se aos saberes e conhecimentos, sendo valorizada e reconhecida sua experiência de vida, que era reconduzida através dos tempos. Com o advento da industrialização, o velho recebe uma nova conotação, passando a ser visto como sujeito incapaz e improdutivo, visto que as condições mercadológicas passaram a valorizar o vigor físico, como também a técnica, tornando obsoleto o saber adquirido com a experiência de vida.

Nesse contexto de improdutividade, o velho era visto como idoso, institucionalizando a aposentadoria que reafirma a condição de velhice e invalidez, caracterizando esta etapa da vida como categoria política. Corroborando com essa ideia, Silva (2008) esclarece que o sujeito aposentado não é somente inválido e incapaz; é acima de tudo um ser de direitos e privilégios sociais legítimos.

A aposentadoria, *a priori* surge por considerar a idade biológica ou o tempo de serviço, mas libera do trabalho indivíduos ainda ativos, com capacidade para produzir.

Sobre essa temática, Kachar (2003) reforça que,

Em torno de 1960, com a adoção de novas políticas sociais para a velhice, é definida com elas a elevação dos valores das pensões, melhorando a imagem e o prestígio do aposentado e surgem algumas mudanças nas relações com o indivíduo de mais idade (2003, p. 25).

Compreende-se que, com a implementação das políticas públicas, o indivíduo aposentado não se desvincula do sujeito velho, velhote, idoso, terceira idade.

Para Kachar (2003), os termos velho e velhote eram utilizados como representação da invalidez e incapacidade produtiva, pessoa desprovida financeiramente e ociosa.

O termo terceira idade indicado para pessoas idosas surgiu na França, em 1960, para expressar um novo paradigma de velhice, onde os aposentados poderiam viver ativamente, indicando o lazer, autonomia e auto satisfação como característica do sujeito que está vivendo essa construção. De acordo com Peixoto (1998b, apud KACHAR, 2003, p. 26), esse termo surge para “designar os recém-aposentados, que se mostram ativos e independentes”.

Concomitante, surge em meados de 1930 uma nova ciência, a gerontologia, que tem como objeto o processo de envelhecimento numa perspectiva interdisciplinar, numa abordagem multiprofissional.

A gerontologia ocupa lugar de destaque entre as várias disciplinas científicas, beneficiando-se e sendo beneficiada pelo intercâmbio de ideias e dados, num campo de natureza multi e interdisciplinar, ancorado pela biologia e pela medicina, pelas ciências sociais e pela psicologia. Ainda defende que existe uma cooperação de várias ciências a favor de um objeto comum: o processo de envelhecimento (CACHIONI, 2002, p. 01).

Nesse contexto, a gerontologia se desenvolve e, conforme esclarece Lima (2000), a gerontologia educacional, que compreende a educação destinada a idosos, atende a formação de recursos humanos para atuar com idosos; interfere na sociedade na busca de mudanças relativas à concepção de envelhecimento e do idoso.

Lima (2001, p. 140) afirma que:

É necessária para a terceira idade, uma educação que crie espaços para discussões, trabalhos em conjunto, alunos e profissionais, implicados na saúde, nutrição, aspecto psicológico, cognitivo, corporal, emocional para garantir o desenvolvimento do homem como um todo.

No intuito de melhorar as possibilidades de desenvolvimento dos sujeitos da terceira idade – o idoso – busca-se compreender as possibilidades do processo de sensibilização ao idoso para a compreensão da evolução tecnológica atrelada metodologicamente aos acervos da história e da arte, como possibilidade mais concreta e sensorial.

Barros (2000) refere-se ao termo terceira idade como aquele que caracteriza mais dignamente os jovens aposentados, ativos e independentes, conferindo à prática de novas atividades, uma nova etapa da vida, situada entre a aposentadoria e a velhice.

Conforme estudos de Mendes; Gusmão; Faro e Leite (2005, p. 423), “a Organização Mundial de Saúde – OMS tem a definição que estabelece ao idoso um limite de 65 anos ou mais de idade para os indivíduos de países desenvolvidos e 60 anos ou mais de idade para indivíduos de países subdesenvolvidos”.

Assim, a projeção divulgada pelo pesquisador Borges (2015), corresponde ao apontamento, divulgado em agosto de 2012 no Brasil e que os idosos deverão representar 26,7% da população (58,4 milhões de idosos para uma população de 218 milhões de pessoas), em 2060, numa proporção 3,6 vezes maior do que a atual. A relação que se faz entre a população de idosos tem referência à redução da fecundidade.

Explica o pesquisador Borges (2015),

O envelhecimento da população acima dos 65 anos tem a ver com a diminuição da fecundidade. Você diminui o número de jovens e em consequência tem o aumento relativo dos idosos. Mesmo sem o avanço da expectativa de vida, os idosos aumentariam.

Conforme os dados divulgados pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) apontam que no Brasil, desde a metade do século 20 houve uma queda na mortalidade, com isso o envelhecimento da população também será afetado. Conforme análise dos dados a criança brasileira nascida em 2013 terá uma projeção de vida de 71,2 anos para homens e 74,8 para mulheres.

A partir de 2060 a expectativa é de 78 anos para homens e 84,4 anos para as mulheres, este acréscimo corresponde a um aumento de 6,8 anos para os homens e 5,9 para as mulheres.

Borges (2015) indica que em 2041 a esperança de vida atingirá 80 anos e que os outros países também já passaram por essas mudanças, contudo no Brasil apresenta um diferencial; estas mudanças serão mais rápidas em torno de 40 a 50 anos, o que pressupõe que um dos fatores que tenha aumentado a expectativa de vida é a tecnologia. Nesse cenário, a principal parcela da população a ser sustentada, anteriormente composta majoritariamente por crianças, deve passar a ser de idosos.

Explica ainda a partir das análises dos censos que em 2060,

[...] as mortes serão 62% superiores aos nascimentos, o que significa que, para cada 100 mortes no Brasil, apenas 62 pessoas irão nascer. O último ano em que os nascimentos vão superar as mortes será 2042. Já no ano seguinte, em 2043, as mortes superarão os partos em 2%, aumentando esse percentual gradualmente até 2060.

Com os dados do crescimento da população idosa, novas reflexões surgem e percebe-se, conforme dados da Previdência Social em pesquisa realizada em 2012, um déficit do regime de previdência em relação ao setor privado de aproximadamente R\$ 42 bilhões, sendo que o mesmo beneficia 29 milhões de pessoas. E o universo do sistema previdenciário dos servidores públicos foi maior, perto de R\$ 60 bilhões.

Compreende-se que a realidade da população idosa não é somente uma situação no país como em diversos outros como Argentina, Canadá, Chile, EUA, dentre outros (Jornal do Senado, 2012).

As tecnologias e inclusão do idoso

O uso contínuo das TIC no universo infanto-juvenil e adulto faz parte do processo de inclusão social, enquanto que, para o idoso, representa um agravante para a inclusão das TIC em seu cotidiano, haja vista que a evolução tecnológica e a disseminação dos recursos tecnológicos são fatos recentes.

Neste sentido, grande parcela do público idoso não acompanhou como também não teve acesso a esse contexto tecnológico. Compreende-se que a difusão ampla das tecnologias aconteceu no século XX, a partir da década de 1970 e em meados de 1994 aconteceu a disseminação da internet no Brasil.

O reconhecimento da multiplicidade de identidades refere-se ao processo histórico de cada indivíduo. No entanto, percebe-se que a sociedade está refém das inovações tecnológicas, consumindo os mesmos recursos tecnológicos e midiáticos.

Esse novo universo de relações, comunicações e trânsito de informações pode-se tornar mais elemento de exclusão para o idoso, tirando-lhe a oportunidade de participar do presente, marginalizando-o e exilando-o no tempo da geração anterior, relegado à função social de memória, de passado. (KACHAR, 2003, p. 53).

Neste contexto social, político e econômico, as mudanças de comportamento são eminentes no universo comunicacional. Igualmente a essas revoluções tecnológicas, outra situação antropológica vem alterando as relações sociais, assim como o cenário do idoso tem vivido mais tempo. A idade cronológica está em acréscimo em virtude da melhoria da qualidade de vida da população.

Neste sentido, os adultos têm se comportado diferentemente até mesmo procurando ocupar seu tempo e, além disso, para se manter incluso, várias são as manifestações as quais permeiam o universo do idoso que buscam a inclusão digital.

Pretto (1996) afirma que o analfabeto do futuro será o indivíduo que não souber ler a nova linguagem gerada pelos meios eletrônicos de comunicação.

Conforme Silva (2003 *apud* TOSCHI, 2010, p. 87):

A internet é, em especial, um tipo de comunicação mediada por computadores, em suas modalidades síncronas (bate-papos) e assíncronas (fóruns, lista de discussão, correio eletrônico), que tem permitido o exercício da linguagem de forma diferenciada. Ferramentas para a produção escrita (editores de texto, de páginas web, de histórias em quadrinhos) e para comunicação a distância (bate-papo, ICQ e correio eletrônico) inauguram novas condições de produção de discurso, integrando elementos originais ao que hoje denominamos leitura e escrita digitais.

Diante dos autores supracitados, a realidade tecnológica no universo social requer a apropriação dos recursos tecnológicos para a interação do indivíduo.

Conforme Silva (1999), a interação acontece por meio das relações humanas, enquanto que a interatividade acontece na utilização e produção criativa a partir da exploração dos recursos tecnológicos e midiáticos.

Corroborando com a ideia supracitada, Almeida (2000, p. 79) refere-se ao computador de forma singular como “máquina que possibilita testar ideias ou hipóteses, que leva à criação de um mundo abstrato e simbólico, ao mesmo tempo em que permite introduzir diferentes formas de atuação e interação entre as pessoas”.

A micro informática, juntamente com as novas formas de energia e a microbiologia, a tríade revolucionária na concepção de Schaff (1995), provocou uma revolução tecnológica que teve como consequência o desencadeamento de várias mudanças na economia mundial, nas formas de relacionamento social, na ciência, na própria tecnologia, na política, na afetividade humana.

Na sociedade, em geral, a utilização das tecnologias de informação e comunicação (TIC) e da Internet causou alterações perceptíveis em vários setores. Houve mudanças nas relações presenciais e novas formas de comunicação surgiram nos espaços da rede, estreitando e/ou alterando a comunicação entre família e amigos, professores e alunos, pais e filhos, chefes e subordinados, políticos e sociedade civil. Cabe ressaltar o crescimento exponencial das redes sociais para lazer, trabalho, criação e manutenção de relações, na vida social, com amigos próximos e distantes, como ainda nas empresas e entre as empresas.

Uma particularidade da contemporaneidade reside na rearticulação das relações sociais e de produção em torno das TIC. Assim, a especificidade dessas tecnologias consiste no deslocamento das instâncias de mediação política, econômica e social da dimensão espacial para a temporal, e a instituição do princípio da instantaneidade como base de regulação de nossa experiência significativa. Castells (2006) a caracteriza como sociedade de fluxos.

Para o autor não há uma resposta única para questões tão novas e instigantes. Os novos grupos, “são redes sociais interpessoais, em sua maioria baseadas em laços fracos, diversificadíssimas e especializadíssimas, também capazes de gerar reciprocidade e apoio por intermédio da dinâmica da interação sustentada” (CASTELLS, 2006, p.445-6).

Além disso, o uso da Internet permite ao usuário o envolvimento, simultaneamente em interações face a face. Isso se manifesta em particular no uso de mídias móveis, como *smartphones* e *tablets*, por exemplo, que permitem ao usuário, mesmo em deslocamento, em movimento, acessar a rede e se comunicar com quem também estiver conectado. Diferente assim, de anos anteriores, nos quais para acessar a rede era preciso estar em um determinado lugar, sozinho. As mídias móveis possibilitam a conexão mesmo que se esteja em grupo, junto aos amigos, em locais públicos, abertos.

Pellanda (2001, p. 96) faz a seguinte ressalva sobre os mecanismos tecnológicos midiáticos: “A convergência de mídias se dá quando em um mesmo ambiente estão presentes elementos da linguagem de duas ou mais mídias interligados pelo conteúdo”. A convergência das mídias constitui na interligação de mais de uma mídia, seja ela nova ou velha, interação de maneira imprevisível, constituindo uma nova linguagem.

Na medida em que a particularidade da época contemporânea reside na rearticulação das relações sociais e de produção em torno das TIC, ou seja, de um novo conceito de velocidade, não mais físico, mas cognitivo, relativo não mais às distâncias físicas, mas sim ao volume de informação gerada ou acessada, diferentes formas de se relacionar, trabalhar, estudar, se comunicar têm lugar.

Falar de inclusão ou de exclusão já evidencia a existência de desigualdades. A promoção de políticas de inclusão é o reconhecimento de que o país convive com a ampla exclusão, resultante das “relações de produção capitalistas que, por sua estrutura excludente, gera um modelo de desenvolvimento que exacerba as diferenças econômicas, políticas e culturais entre os grupos sociais” (GRACINDO, 2007, p. 11).

Para Silveira (2001), a inclusão social passa pela inclusão digital, uma vez que é pela rede mundial de computadores, a Internet, que circula a informação e ter acesso a ela é também ter poder.

Frias (2011) afirma que:

Frente à evolução tecnológica de maneira vertiginosa, na atualidade, os idosos devem se apoderar dos meios tecnológicos para usá-los de modo consciente em prol da construção de uma nova imagem da velhice, tornando-se cidadãos participantes e ativos da sociedade do conhecimento e não somente um espectador passivo que utiliza os recursos gerados por outrem (p.1607).

A exclusão digital, neste caso, diz respeito às desigualdades no uso e no acesso às TIC, como os telefones celulares, o computador ou a Internet. Por esta razão, a exclusão digital representa apenas uma fatia do conjunto das desigualdades econômicas e sociais. O que significa, em termos sociológicos, que a capacidade dos países de industrialização recente devem se adaptar, produzir e difundir as novas tecnologias informacionais como fator determinante de seu desenvolvimento.

Assim, a existência e a evolução da exclusão digital no seio de uma determinada população podem ser avaliadas a partir de indicadores tais como o número de usuários e o número de computadores conectados à Internet. No entanto, estes indicadores não permitem por si mesmos determinar o tipo de uso das TIC pelas parcelas da população que deveriam acessar a sociedade informacional.

Enfim, a exclusão digital existe em países do hemisfério norte e hemisfério sul. Ela é igualmente constatada entre as zonas urbana e rural ou entre as regiões centrais e periféricas dos grandes centros urbanos. Tratando-se, assim, de um tema bastante vasto.

Portanto, partindo dessa discussão entre TIC e desenvolvimento da economia, pode-se afirmar ainda que a inclusão social passa pela inclusão digital, pois é por este caminho que a informação e o conhecimento fluem. Estes dois elementos, informação e conhecimento, são também fontes de poder, em especial na chamada Sociedade da Informação, na qual o processo de trabalho se intelectualizou e requer domínio de muitas das ferramentas de acesso a estas informações.

Segundo Medeiros (2012), as ferramentas são muitas, tais como computadores pessoais, caixas eletrônicos, telefones celulares e Internet o que emerge como revolucionário meio de integração social, no processo de Inclusão Digital. Ferramentas que enriquecem a comunicação e proporcionam acesso a informações e serviços diversos, e em tempo real,

representam um processo de ganho sociocultural e de empoderamento, do qual se faz necessária outra alfabetização, a digital.

O empoderamento social, segundo Pereira (2006, p.1),

[...] possibilita a aquisição da emancipação individual e também da consciência coletiva necessária para a superação da dependência social e dominação política. O empoderamento devolve poder e dignidade a quem desejar o estatuto de cidadania, e principalmente a liberdade de decidir e controlar seu próprio destino com responsabilidade e respeito ao outro.

Assim, cidadania, empoderamento, estudo, inclusão digital, inclusão social são termos que se articulam e que estarão nas preocupações da equipe que buscará atender e capacitar esses dois segmentos sociais, os quais têm poucas possibilidades de integração social, apesar de representar percentual significativo na sociedade.

Dentro desse contexto, os idosos têm buscado a apropriação de recursos tecnológicos, a fim de desenvolver habilidades e autonomia para o manuseio do computador, haja vista que as TIC estão inseridas em vários espaços sociais, desde o ambiente familiar, supermercados, agências bancárias e lotéricas, dentre outros.

Considerações Finais

Neste universo social, tem se a contribuição das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) que permeia e influencia todo segmento social, seja na esfera econômica quanto na social.

Contudo, os idosos estão à margem, constituindo um grande índice na esfera dos excluídos. Apresentam dificuldades para compreender e acompanhar as mudanças ocorridas pelas TIC. Assim sendo, deixam de ter oportunidade de conhecer outros universos de infinitas possibilidades, inclusive nos aspectos da comunicação, de lazer e de convívio.

Os idosos têm necessidades e vontades de se manterem ativos. Com os avanços das tecnologias, uma infinidade de atividades permite a ressignificação do tempo que chega com a idade. Neste sentido, estão sendo pensados espaços de ginástica, passeios, danças de salão, viagens, grupos de teatro, coros musicais, prática de desporto, voluntariado e diversas ofertas para ocupação do tempo livre, assim como o uso do computador, da Internet, do celular como forma de inclusão digital e interação social.

Sendo assim, o idoso tem permanecido ativo e para se comunicar com as pessoas que o cercam, na sociedade globalizada, busca apropriar-se de conhecimentos voltados para o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação – TIC, visando a sua própria inclusão social empoderamento.

A partir desse estudo compreende-se a necessidade eminente de ações e implementação de políticas públicas voltadas para a formação do público idoso, uma vez que trata-se da inclusão social desse sujeito que, na atual sociedade permanece ativo.

Referências

ALMEIDA, M.E.B. T. M. P. **Informática e Educação** - Diretrizes para uma formação reflexiva de professores. Tese de Mestrado. São Paulo: Departamento de Supervisão e Currículo da PUC. 2000.

BARROS, Myriam Moraes Lins. **Velhice ou Terceira idade?** 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

BENETTI, Idonésia Collodel. FAGUNDES, Mateus Miranda. ZANELLA, Michele. **Construção sócio-histórica do idoso cidadão**. Revista Caminhos, On-line, Dossiê Humanidades, Rio do Sul, a.2, n.1, p.213-228, jan/mar. 2011

BRASIL, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Síntese de indicadores sociais** – uma análise das condições de vida da população brasileira. 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaoodevida/indicadoresminimos/sinteseindicadores2010/SIS_2010.pdf>. Capturado em dezembro de 2013.

BORGES, Gabriel Mendes, CAMPOS, Marden Barbosa de, SILVA, Luciano Gonçalves de Castro. **Transição da Estrutura Etária no Brasil**: oportunidades e desafios para a sociedade na próxima década. In: ERVATTI, Leila Regina, BORGES, Gabriel Mendes, JARDIM, Antônio de Ponte (orgs). *Mudança Demográfica no Brasil início do século XXI*: subsídios para as projeções da população. Col. Estudos e Análises: Informação demográfica e socioeconômica. Vol. 3, IBGE, 2015. Disponível: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv93322.pdf>>. Acesso: 01/09/2015

CACHIONI, Meire. **Formação Profissional, motivos e crenças relativas à velhice e ao desenvolvimento pessoal entre professores da Universidade da Terceira Idade**. Campinas – Tese de Doutorado, 2002. Disponível em <http://libdigi.unicamp.br/> Acesso: 15/07/2014.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Volume I. Tradução Roneide Venancio Majer. 9. ed., São Paulo: Paz e Terra, 2006.

FRIAS, Marcos Antonio da Eira *et al.* **Utilização de ferramentas computacionais por idosos de um Centro de Referência e Cidadania do Idoso.** *Rev. esc. enferm. USP* vol.45 no.spe São Paulo Dec. 2011. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0080-62342011000700011>>. Capturado em: 04 de março de 2013.

GRACINDO, Regina V. **Inclusão social e escolar:** a contribuição de pesquisas. In: GRACINDO, R. V. (orgs.). *Educação como exercício da diversidade – estudos em campos de desigualdades sócio-educacionais.* Brasília: Liber Livro, 2007.

JORNAL DO SENADO. **População de idosos nas Américas:** caso de alguns países. *Jornal do Senado.* Sexta-feira, 7 de setembro de 2012. Disponível em: <<http://formulageo.blogspot.com.br/2012/09/populacao-de-idosos-nas-americas-caso.html>> Acesso em: 10/10/2014.

KACHAR, Vitória. *Terceira idade e informática: aprender revelando potencialidades.* São Paulo : Cortez, 2003.

LIMA, MariúzaPeloso. **Gerontologia educacional:** Uma pedagogia específica para idosos uma nova concepção de velhice. São Paulo: Terra, 2001.

_____. Reformas Paradigmáticas na Velhice do Século XXI. IN: NERI, Anita., DEBERT, Guita. (orgs). **Velhice e Sociedade.** Campina - SP: Papyrus, 1999. (Coleção Vivacidade).

MEDEIROS, Felipe de Luca *et al.* Inclusão digital e capacidade funcional de idosos residentes em Florianópolis, Santa Catarina, Brasil (EpiFloripa 2009-2010). **Rev. bras. epidemiol.** vol.15 no.1 São Paulo Mar. 2012. Disponível em:<http://dx.doi.org/10.1590/S1415-790X2012000100010>. Capturado em: 04 de março de 2013.

MENDES, M. R.S.S. B.; GUSMAO, J.L.; FARO, A.C.M.; LEITE, R.C.B.O. **A situação social do idoso no Brasil:** uma breve consideração. *Acta Paulista de Enfermagem*, São Paulo, v. 18, n. 4, dez. 2005. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-1002005000400011&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 11 agosto/2014.

PELLANDA, Campos Eduardo. **Convergência de mídias potencializada pela mobilidade e um novo processo de pensamento.** Trabalho apresentado no Núcleo de Tecnologias da Informação e da Comunicação, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003. Disponível em <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/129419528759418333834670887469995119541.pdf>>. Acesso: em 16/02/2015.

PEREIRA, Ferdinand Cavalcante. **O que é empoderamento** (Empowerment). *Sapiencia*– informativo científico da FAPEPI. Junho de 2006. Nº 8, Ano III. Disponível em: <http://www.fapepi.pi.gov.br/novafapepi/sapiencia8/artigos1.php>. Acesso em novembro de 2013.

PRETTO, Nelson de Luca. **Uma escola sem/com futuro.** Campinas, Papiro, 1996.

SCHAFF, Adam. **A sociedade informática**: as consequências sociais da segunda revolução industrial..Tradução: Carlos Eduardo Jordão Machado e Luiz Arturo Obojes. 4 ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SILVA, E. T. (Coord). **A leitura nos oceanos da internet**.São Paulo: Cortez, 1999.

SILVA, Luana Rodrigues Freitas. **Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento**. História, Ciências, Saúde-Manguinhos, Rio de Janeiro, v.15, n.1, p.155-168, jan.-mar. 2008.

SILVEIRA, S. A. **Exclusão digital** - a miséria na era da informação. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

TOSCHI, Mirza Seabra (org.). **Leitura na Tela**: da mesmice à inovação. Goiânia: Ed. da PUC, Goiás, 2010.